



Universidades Lusíada

Soares, Liliana

O impacto da exposição à violência interpaparental nas crianças : variáveis mediadoras

<http://hdl.handle.net/11067/3499>

<https://doi.org/10.34628/vdxj-k732>

Metadados

Data de Publicação	2016
Resumo	As crianças não são todas afetadas da mesma forma pela exposição à violência interpaparental, podendo algumas evidenciar elevada sintomatologia, enquanto outras podem revelar poucos ou nenhuns problemas de ajustamento. Neste artigo iremos debater algumas variáveis mediadoras que ajudam a clarificar a relação entre a violência interpaparental e os problemas de ajustamento psicológico da criança. Estas variáveis mediadoras podem ser agrupadas em dois grandes tipos: variáveis individuais, relacionadas ...
Palavras Chave	Violência doméstica - Aspectos psicológicos, Crianças e violência, Crianças - Saúde mental
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-IPCE] RPCA, v. 07, n. 1-2 (Janeiro-Dezembro 2016)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-19T20:23:40Z com informação proveniente do Repositório

**O IMPACTO DA EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA
INTERPARENTAL NAS CRIANÇAS:
VARIÁVEIS MEDIADORAS**

Liliana Soares e Ana Isabel Sani
Universidade Fernando Pessoa

Resumo: As crianças não são todas afetadas da mesma forma pela exposição à violência interpaparental, podendo algumas evidenciar elevada sintomatologia, enquanto outras podem revelar poucos ou nenhuns problemas de ajustamento. Neste artigo iremos debater algumas variáveis mediadoras que ajudam a clarificar a relação entre a violência interpaparental e os problemas de ajustamento psicológico da criança. Estas variáveis mediadoras podem ser agrupadas em dois grandes tipos: variáveis individuais, relacionadas com as características individuais da criança, e variáveis situacionais-contextuais.

Palavras-Chave: Criança, Violência interpaparental, Impacto.

Abstract: Not all children are equally affected by exposure to interparental violence, some may show elevated symptomatology, whilst others may show few or no adjustment problems at all. In this article, we will discuss some mediating variables, which help to clarify the relationship between interparental violence and children's psychological adjustment problems. These mediating variables can be grouped into two main types: individual variables, which are related to the child's individual characteristics, and contextual-situational variables.

Keywords: Child, Interparental violence, Impact.

Introdução

Apesar de um crescente corpo de pesquisa ter vindo incessantemente a documentar as consequências negativas das crianças expostas à violência interpaparental, alguns estudos (e.g., Graham-Bermann, Gruber, Howell, & Girz, 2009; Haskett, Nears, Ward, & McPherson, 2006; Hughes & Luke 1998; Martinez-Torteya, Bogat, von Eye, & Levendosky, 2009; Sani, 2006a) têm vindo a fornecer evidências de que nem todas as crianças são afetadas da mesma forma pela violência interpaparental (Edleson, 2001; Summers, 2006), podendo estas evidenciar poucos ou até mesmo nenhuns problemas de ajustamento (Hughes, Graham-Berman, & Gruber, 2001; Hughes & Luke, 1998).

As crianças manifestam, efetivamente, uma diversidade de padrões de funcionamento, com reações que podem variar entre a psicopatologia e a ausência de sinais relevantes do ponto de vista clínico (Howell, 2011; Hughes & Luke 1998), sendo que esta variabilidade pode ser melhor explicada atendendo à ação mediadora de um conjunto de variáveis, nomeadamente individuais e situacionais-contextuais (Edleson, 2001; Gewirtz & Edleson, 2007; Grych, 1998; Van Horn & Lieberman, 2011; Howell, 2011; Hughes et al., 2001; Sani, 2003, 2006b).

As variáveis mediadoras do impacto da violência interpaparental

Existe uma multiplicidade de efeitos distintos, designadamente

consequências adversas, traduzidas em problemas de internalização e de externalização, que podem afetar o ajustamento da criança quando expostas à violência interparental (Benetti, 2006; Fosco, DeBoard, & Grych, 2007; Grych & Fincham, 1990; Hungerford, Wait, Fritz, & Clements, 2012; McDonald & Grych, 2006). Porém, nem todas as crianças são afetadas da mesma forma por este tipo de violência, podendo estas evidenciar poucos ou até mesmo nenhuns problemas de ajustamento. Cada criança é única (Cunningham & Baker, 2007) e não é de todo um recipiente passivo à estimulação do meio ambiente (Cummings & Davies, 1994). Desta forma as respostas das crianças que convivem diariamente com a violência podem variar significativamente, inclusive, crianças dentro da mesma família podem ser afetadas de forma diferente, dependendo esta vicissitude de distintos fatores (Cahn, 2006; Cunningham & Baker, 2007; Hester, Pearson, & Harwin, 2007).

Efetivamente, muitas crianças que testemunham histórias de conflito interparental destrutivo parecem desenvolver-se de forma adaptativa ao longo das suas trajetórias desenvolvimentais (Cummings & Davies, 1994; Davies & Lindsay, 2004; Hughes et al., 2001; Hughes & Luke, 1998), sendo que esta variabilidade pode ser melhor explicada atendendo à ação mediadora de um conjunto de variáveis (Cahn 2006; Edleson, 2001; Gewirtz & Edleson, 2007; Howell, 2011; Hughes et al., 2001; Sani, 2003, 2006b; Van Horn & Lieberman, 2011), que não devem ser entendidas numa perspetiva causal, mas antes como processos complexos que podem funcionar quer como fatores de proteção, quer como fatores de vulnerabilidade, isto é, atenuando ou exacerbando, respetivamente, o impacto no ajustamento psicossocial da criança (Coutinho & Sani, 2008). Estas variáveis mediadoras podem ser agrupadas em dois grandes tipos: variáveis individuais e variáveis situacionais-contextuais (Buehler et al., 1998; Davies & Cummings, 1994; Grych, 1998; Sani, 2006a). Por um lado, as variáveis individuais estão relacionadas com as características individuais da criança (e.g., idade, género, temperamento, autoestima, capacidades cognitivas, estratégias de coping, perceções e interpretações da criança). Por outro lado, as variáveis situacionais-contextuais, que se fracionam em dois tipos: situacionais, que estão diretamente relacionadas com a criança (e.g., competências parentais dos progenitores, saúde mental dos pais e suporte social); e contextuais, que estão relacionadas com os pais e o conflito interparental (e.g., local de ocorrência, frequência, intensidade, duração, conteúdo, resolução do conflito).

Dada a grande extensão deste tema, debruçar-nos-emos apenas sobre algumas destas variáveis, nomeadamente as que surgem mais divulgadas na literatura.

Variáveis individuais

As variáveis individuais têm vindo, ao longo do tempo, a receber atenção significativa por investigadores interessados na relação entre o conflito interparental e o ajustamento da criança, devido às evidências encontradas por alguns estudos (e.g., Cummings, Kouros, & Papp, 2007; Jouriles, Spiller,

Stephens, McDonald, & Swank, 2000; David & Murphy, 2004) que comprovam que o gênero, a idade e as percepções e interpretações da criança são variáveis que desempenham um papel de mediador na relação entre a exposição à violência interparental e o impacto no ajustamento da criança.

No que concerne à variável *idade*, a literatura defende que o ajustamento da criança, independentemente da sua idade, pode ser afetado pela exposição à violência interparental e que a sintomatologia relacionada com o conflito difere em termos da fase desenvolvimental da criança (Cunningham & Baker, 2007; Jaffe, Wolfe, & Wilson 1990; Summers, 2006). Embora os bebês não compreendam o que se passa entre os adultos e não compreendam o conteúdo das discordâncias, eles ouvem o barulho, os gritos, as discussões e conseguem sentir a tensão (Cunningham & Baker, 2007). A sua sensibilidade está apurada e estes podem sentir-se angustiados, chateados ou com medo se não conseguirem ver as suas necessidades satisfeitas prontamente, inclusive podem sentir medo de explorar e brincar ou ainda sentir a angústia das suas mães (Cunningham & Baker, 2007). As crianças em idade pré-escolar tendem a manifestar maiores níveis de problemas emocionais e de comportamento imaturo (Holden, 1998), e devido à sua natureza egocêntrica podem sentir-se responsabilizados pela ocorrência do conflito (Cunningham & Baker, 2007). Estas crianças podem também exibir sintomas regressivos, como enurese, ansiedade de separação e diminuição de verbalização (Cunningham & Baker, 2007; Osofsky, 1995) experienciando, portanto, um maior impacto, comparativamente com as crianças mais velhas (Buehler et al., 1998). Por seu lado, as crianças em idade escolar, por serem cognitivamente mais maduras e serem capazes de compreender o significado e intencionalidade da violência, manifestam maior preocupação sobre a postura (de evitamento ou envolvimento) que devem ter face aos problemas interparentais, aumentando assim a sua propensão para reagirem em termos de intervenções comportamentais nas interações abusivas (Cummings, Wilson, & Shamir 2003; Davies, Myers, Cummings & Heindel, 1999). Estas crianças evidenciam, ainda, maior propensão para desenvolverem perturbações de sono, menor motivação para explorar o mundo, assim como evidenciar dificuldades de atenção e de concentração devido aos seus pensamentos intrusivos (Cunningham & Baker, 2007). Estas crianças tendem também a revelar que a divergência é causada por fatores como o *stress*, problemas financeiros, problemas relacionados com álcool ou drogas (Cunningham & Baker, 2007).

Foram encontradas algumas inconsistências em termos da variável *gênero* (Rhoades, 2008). Existem estudos que não encontram diferenças significativas entre o gênero (Buehler et al., 1997; Buehler et al., 1998; McDonald & Grych, 2006). Em contrapartida, vários estudos revelam que a exposição à violência interparental pode afetar as crianças de forma diferente em termos de gênero (Evans, Davies, & DiLillo, 2008), ainda que o padrão de diferenças seja geralmente contraditório. Por exemplo, uma recente meta-análise revelou que a associação entre o conflito interparental e os problemas de internalização das raparigas é mais forte nas raparigas, quando comparadas com os rapazes (Kincheloe, 2008). Estes dados são consistentes com uma série de investigações (e.g., Davies & Lindsay, 2004;

Evans et al., 2008) que sugerem que os rapazes demonstram mais problemas de externalização (e.g., agressão), enquanto que as raparigas tendem a apresentar mais comportamentos de internalização (e.g., depressão). Porém, outros estudos têm demonstrado a relação oposta, nos quais são as raparigas que pontuam mais no que diz respeito aos problemas de externalização, comparativamente com os rapazes (e.g., David & Murphy, 2004; Davies & Windle, 1997), ou então não conseguiram encontrar evidências significativas no que concerne às diferenças de género (e.g., Katz & Gottman, 1993).

Não obstante, de forma geral, a literatura (Cummings, Davies, & Simpson, 1994; Kerig, 1998; Shelton & Harold, 2008; Vairami & Vorria, 2007) sugere que a sintomatologia externalizadora dos rapazes encontra-se associada à perceção de ameaça e com as avaliações de eficácia de *coping*, já a sintomatologia de internalização das raparigas encontra-se relacionada com sentimentos de autorresponsabilização ou culpa. Estes resultados vêm, portanto, reforçar a ideia de que as raparigas apresentam maior vulnerabilidade quando expostas a elevados níveis de conflito interparental (Davies & Lindsay, 2004).

Dadas as evidências divergentes encontradas nas investigações empíricas no que concerne às diferenças de género, Cummings (1998) alerta para o facto de que esta variabilidade pode estar relacionada com outro tipo de fatores como a idade e as características do conflito interparental.

Ao longo dos últimos anos, as investigações empíricas (e.g., Cummings et al., 1994; DeBoard-Lucas & Grych, 2011; Shelton & Harold, 2007, 2008; Shelton, Harold, Goeke-Morey, & Cummings, 2006) têm privilegiado o estudo das *estratégias de coping* das crianças no contexto da violência interparental. De acordo com Lazarus e Folkman (1984), o *coping* pode ser definido como o conjunto de esforços cognitivos e comportamentais, em constante mudança, utilizados pelos indivíduos com o intuito de gerir e lidar com exigências específicas, internas ou externas, que surgem em situações de *stress* e que são avaliadas como sobrecarregando ou excedendo os seus recursos pessoais. Atendendo a esta definição, pode-se dizer que as estratégias de *coping* referem-se às perceções, interações e comportamentos que irão definir ou influenciar o modo como as crianças vão, por um lado, compreender a violência interparental e, por outro, lidar com a exposição à violência interparental (Goldblatt, 2003). Além disso, a subjetividade da avaliação das exigências da experiência implica que as estratégias de *coping* irão variar de pessoa para pessoa (Antoniazzi, Dell'Aglio, & Bandeira, 1998).

Teoricamente, as estratégias de *coping* dividem-se em duas categorias funcionais (Folkman & Lazarus, 1980): estratégias focadas no problema, que se traduzem em estratégias orientadas para a resolução do problema (e.g., intervenções diretas no incidente); e estratégias focadas na emoção, que se referem às estratégias orientadas para diminuir o *stress* (e.g., evitamento, distanciamento do local onde decorre o conflito). Folkman (1984) sugere que na presença de um *stressor* incontrolável (e.g., conflito interparental), as estratégias de *coping* focadas na emoção estão mais relacionadas com um melhor ajustamento psicológico em comparação com as estratégias focadas no problema. Alguns

estudos comprovam estes dados. Por exemplo, um estudo realizado por O'Brien, Bahadur, Gee, Balto, e Erber (1997) concluiu que o uso de estratégias focadas no problema estavam relacionadas com sintomatologia depressiva nas crianças, enquanto que as estratégias focadas na emoção não se encontravam associadas com sintomatologia de internalização.

Adicionalmente, alguns autores concluem que as estratégias focadas no problema (e.g., gritar na tentativa de parar o evento, agredir o agressor) são as mais utilizadas pelas crianças quando expostas à violência interpaparental (e.g., Coutinho, 2008), sendo que estas crianças apresentam, portanto, maior risco para desenvolver problemas de ajustamento (Tschann et al., 2002). Por outro lado, há autores que concluem que as estratégias focadas na emoção são as mais utilizadas, uma vez que, quando comparadas com os adultos, as crianças têm menos recursos para lidar com o conflito (e.g., Lisboa et al., 2002), quer em tamanho, quer em força física (Fosco et al., 2007).

Do mesmo modo, as diferenças entre os géneros na forma como as crianças lidam com o conflito interpaparental apresentam resultados inconsistentes (Shelton et al., 2006). Há autores que defendem que os rapazes têm mais predisposição para intervir diretamente na violência interpaparental (Jaffe et al., 1990). Por oposição, outros autores defendem que as raparigas apresentam mais envolvimento na violência interpaparental (Davies, Harold, Goeke-Morey, & Cummings, 2002), sendo esta ideia suportada por um estudo efetuado por Shelton e seus colaboradores (2006), no qual os autores analisaram os comportamentos de *coping* das crianças em função do género e da expressão de conflito (isto é, a intensidade e o conteúdo de conflito). Neste estudo foi possível constatar-se que as raparigas, em relação aos rapazes, faziam mais uso de técnicas de mediação, sendo que as tentativas de mediação eram mais prováveis de acontecer se o conflito envolvesse agressão física e verbal, ou se o conteúdo do argumento fosse relacionado com a criança.

Por fim, diversos autores (e.g., DeBoard-Lucas & Grych, 2011; Fortin, Doucet, & Damant, 2011; Fosco et al., 2007; Hungerford et al., 2012; Sani, 2011) salientam a importância das *percepções e interpretações* que as crianças elaboram como potenciais mediadores do impacto da exposição à violência interpaparental. Uma das mudanças mais significativas que acontece no desenvolvimento infantil envolve a capacidade crescente das crianças para pensar e atribuir significado às suas experiências (DeBoard-Lucas & Grych, 2011). Ao longo da sua vida, as pessoas agem com base nos significados que constroem ativamente sobre a realidade social, sendo estes resultantes das suas experiências de interação e da própria interpretação (Carlson, Sroufe, & Egeland, 2004; Coutinho & Sani, 2008).

Quando a violência ocorre, as crianças tentam ativamente perceber, interpretar e dar sentido a esta experiência (DeBoard-Lucas & Grych, 2011; Eisikovits, Winstok, & Enosh, 1998), sendo que as interpretações que as crianças elaboram predizem o seu posterior ajustamento (Sani, 2011). Assim, o impacto na criança depende, não só do testemunho direto ou indireto do episódio, mas também da forma como esta interpreta o seu significado (Grych & Fincham, 1990), isto é, da sua capacidade para mediar as fontes externas e internas de perigo (Sani, 2011).

Concretamente, determinados estudos revelaram que as avaliações cognitivas das crianças expostas à violência interpaparental estão associadas a problemas de internalização (Coyne, Barrett, & Duffy, 2000; Fosco & Grych, 2008; Rhoades, 2008). Quando as crianças percebem o conflito interpaparental como uma ameaça para si mesmos ou para o sistema familiar, ou ainda quando sentem que são incapazes de lidar com o conflito, estão mais propensas a sentirem-se ansiosas e indefesas. Do mesmo modo, quando as crianças se sentem culpadas pelos conflitos entre os seus pais, apresentando mais predisposição para experimentar sentimentos de culpa, vergonha e tristeza (Fortin et al., 2011; Grych & Fincham, 1990; Grych, Fincham, Jouriles, & McDonald, 2000). Um quadro semelhante emerge quando as crianças estão expostas a situações mais severas de conflito interpaparental (e.g., violência) (Fortin et al., 2011; DeBoard-Lucas & Grych, 2011). Assim, as avaliações das crianças podem desempenhar um papel crucial no seu bem-estar físico e emocional e podem funcionar como um fator de vulnerabilidade, amplificando os efeitos negativos do conflito interpaparental no ajustamento psicossocial da criança (DeBoard-Lucas & Grych, 2011).

Variáveis situacionais-contextuais

No que diz respeito às variáveis situacionais-contextuais podemos destacar, por um lado, as variáveis situacionais, que estão diretamente relacionadas com a criança. Por outro lado, encontramos a variáveis contextuais, que estão relacionadas com os pais e o conflito interpaparental.

No que respeita às variáveis *situacionais*, o ajustamento materno, as práticas parentais e a qualidade da relação entre pais e criança desempenham um papel relevante na mediação entre os conflitos interpaparentais e a desregulação emocional da criança (Davies et al., 2002; Lieberman, Van Horn, & Ozer, 2005; Sturge-Apple, Davies, Cicchetti, & Manning, 2010).

Podemos referir que a experiência de insegurança da criança face ao conflito interpaparental pode ser intensificada pelas dificuldades ao nível das competências parentais, tornando a criança mais vulnerável à dificuldade de regulação emocional e, por sua vez, a problemas de comportamento (Davies et al., 2002). Esta ideia é comprovada por alguns estudos (e.g., Jones, Forehand, Dorsey, Foster, & Brody, 2005) que concluíram que as famílias que apresentam baixos níveis de afeto positivo e elevados níveis de expressão emocional negativa tendem a desencadear na criança sintomatologia de internalização e externalização (Fosco & Grych, 2008). Importa relembrar, também, que devido à repercussão que o *stress* provocado pelos episódios abusivos tem no funcionamento psicológico das mães vitimizadas, poderá haver um menor envolvimento e empatia com os filhos, sendo estas mães muitas vezes descritas na literatura como distantes e menos responsivas às necessidades da criança (Grych & Fincham, 1993). Por sua vez, esta situação poderá dar origem a práticas parentais deficientes (Casanueva, Martin, Runyan, Barth, & Bradley, 2008) e, conseqüentemente, resultar em psicopatologia na criança (Davies & Windle, 1997).

Relativamente às variáveis *contextuais*, Grych e Fincham (1990) identificaram quatro dimensões principais de conflito potencialmente importantes, nomeadamente a frequência, intensidade, conteúdo e resolução de conflito, que se relacionam com problemas de ajustamento da criança.

Um grande número de estudos (e.g., David, Steele, Forehand, & Armistead, 1996; Grych & Fincham, 1990; Long & Forehand, 1987) analisou a relação entre a *frequência* de conflito interparental e problemas de desenvolvimento na criança, os quais concluíram que o aumento de exposição ao conflito tem repercussões no seu ajustamento, traduzidas em sintomas de internalização e de externalização.

A *intensidade* do conflito parece ser um fator igualmente relevante, já que a exposição aos conflitos que envolvam agressão física parece ser mais perturbadora para a criança, quando comparadas com formas menos intensas de conflito, estando fortemente associada a problemas de comportamento nas crianças, traduzidas em manifestações de raiva, tristeza, preocupação, vergonha e culpa (Cummings & Davies, 1994). Adicionalmente, um estudo que se debruçou sobre as reações de quarenta e oito crianças com idades compreendidas entre os 2 e 5 anos revelou que as crianças, cujos pais relataram envolvimento com agressão física durante os conflitos interparentais, encontravam-se mais propensas a exibirem reações comportamentais como o reconforto, defesa da sua mãe e apresentavam também uma maior preocupação com o conflito (Cummings, Pellegrinin, Notarius, & Cummings, 1989).

Outra variável do conflito comumente discutida na literatura envolve o *conteúdo* dos conflitos interparentais. A literatura sugere que, na presença de conflitos cujos conteúdos estão relacionados com a criança ou com a família, esta tende a considerar-se responsável pela existência do conflito interparental (Cummings & Davies, 1994; Fosco & Grych, 2008) e, por isso, pode reagir com mais agressividade e experimentar um maior desejo de intervir no conflito parental (Papp, Cummings, & Goeke-Morey, 2002). Cummings, Goeke-Morey, e Papp (2004) examinaram o papel do conflito interparental no ajustamento global da criança, bem como o comportamento agressivo da criança, focando-se essencialmente na importância do conteúdo do conflito parental, em cento e oito famílias com crianças com idades compreendidas entre os 8 e os 16 anos. O conteúdo do conflito foi dividido em duas categorias principais: ameaçador, que incluía tópicos relacionados com a criança ou a família; e não ameaçador, que incluía tópicos relacionados com o trabalho ou atividades sociais. Este estudo comprovou que os tópicos ameaçadores estavam associados com um aumento das respostas agressivas das crianças durante o conflito, comparativamente com as respostas durante o conflito relacionadas com os tópicos não ameaçadores.

Por fim, em termos da *resolução do conflito*, pressupõe-se que a perceção por parte da criança de que o conflito ficou solucionado poderá minimizar os efeitos do mesmo no seu ajustamento (Cummings & Davies, 1994). A maioria dos estudos nesta área tem comparado os efeitos dos conflitos interparentais resolvidos (divergências que se resolvem com um pedido de desculpas ou com um compromisso) *versus* não resolvidos (conflito em curso ou conflito que termina com os pais que se recusam a falar uns com os outros) (El-Sheikh &

Cummings, 1995; El-Sheikh, Cummings, & Reiter, 1996). Porém, outros estudos têm-se centrado mais nas estratégias utilizadas para solucionar o conflito. Cummings e seus colaboradores (2003) descobriram que o tipo de resolução do conflito interparental estava relacionado com os sentimentos e as expectativas futuras das setenta e duas crianças com idades compreendidas entre os 7 e 13 anos, recrutadas a partir dos EUA e do Chile. Para ambos os grupos, o conflito interparental estava relacionado com o ajustamento das crianças e as reações das crianças ao conflito parental variava significativamente em função da resolução do conflito. Para além das estratégias usadas para resolver o conflito, outros estudos consideram o tom emocional dessas resoluções. Por exemplo, Davies, Myers, e Cummings (1996) descobriram que as crianças experimentam significativamente mais raiva, tristeza e medo quando os conflitos conjugais, em vez de serem solucionados harmoniosamente, terminam de um modo hostil. Este estudo também concluiu que as crianças relatam sentir mais vontade para escolher um dos lados, para se envolver no conflito, ou para ajudar na tarefa que gerou o conflito quando o conflito termina em um tom emocional hostil ao invés de um tom emocional harmonioso.

Conclusão

Nas últimas décadas, o estudo da exposição da criança à violência interparental conheceu uma expansão significativa, na sequência de um conjunto de estudos (e.g., Ablow, Measelle, Cowan, & Cowan, 2009; Cummings & Davies, 1994; El-Sheik et al., 2001; Grych & Fincham, 1990; McDonald & Grych, 2006) que revelaram o impacto negativo que esta experiência pode ter ao nível do ajustamento da criança. Porém, existe uma enorme variabilidade no modo como as crianças manifestam esse impacto, podendo estas evidenciar poucos ou até mesmo nenhuns problemas de ajustamento, aproveitando estas experiências para desenvolverem competências que lhes permitirão lidar com situações adversas de forma mais adequada (Costa & Sani, 2007). Além disso, o impacto da exposição à violência entre os pais no ajustamento da criança não é determinado apenas pelo testemunho em si, mas depende também da capacidade das crianças para mediar as fontes internas e externas de perigo. Esta mediação faz-se por uma série de variáveis relacionadas com as características da criança, com características dos pais e da relação entre ambos, e ainda com características que dizem respeito ao próprio conflito. Deste modo, a compreensão do impacto implica necessariamente a consideração destas variáveis que podem funcionar como fatores de proteção ou de vulnerabilidade, com implicações no ajustamento psicossocial da criança (Buehler et al., 1997; Coutinho & Sani, 2008; Davies & Cummings, 1994; Sani, 2006a).

Referências

- Ablow, J. C., Measelle, J. R., Cowan, P. A., & Cowan, C. P. (2009). Linking marital conflict and children's adjustment: The role of young children's perceptions. *Journal of Family Psychology, 23*(4), 485-499.
- Antoniazzi, A. S., Dell'Aglio, D. D., & Bandeira, D. R. (1998). O conceito de coping: Uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia, 3*(2), 273-294.
- Benetti, S. P. C. (2006). Conflito conjugal: Impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 19*(2), 261-268.
- Buehler, C., Anthony, C., Krishnakumar, A., Stone, G., Gerard, J., & Pemberton, S. (1997). Interparental conflict and youth problem behaviors: A meta-analysis. *Journal of Child and Family Studies, 6*(2), 233-247.
- Buehler, C., Krishnakumar, A., Stone, G., Anthony, C., Pemberton, J. G., & Barber, B. K. (1998). Interparental conflict styles and youth problem behaviors: A two-sample replication study. *Journal of Marriage and the Family, 60*(1), 119-132.
- Cahn, N. (2006). Child witnessing of domestic violence. In N. E. Dowd, D. G. Singer, & R. F. Wilson (Eds.), *Handbook of children, culture and violence* (pp. 3-19). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Carlson, E. A., Sroufe, L. A., & Egeland, B. (2004). The construction of experience: A longitudinal study of representation and behavior. *Child Development, 75*(1), 66-83.
- Casanueva, C.; Martin, S. L.; Runyan, D. K.; Barth, R. P. & Bradley, R. H. (2008). Quality of maternal parenting among intimate-partner violence victims involved with the child welfare system. *Journal of Family Violence, 23*, 413-427.
- Costa, V. A., & Sani, A. I. (2007). Sintomatologia de pós-stress traumático em crianças expostas à violência interparental. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, 4*, 210-221.
- Coutinho, M. J. G. (2008). *Histórias de vida tocadas pela violência: Impacto e representações das crianças vítimas de violência interparental*. Dissertação de Mestrado não publicada. Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Coutinho, M. J., & Sani, A. I. (2008). A experiência de vitimação de crianças acolhidas em casa abrigo. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, 5*, 188-201.
- Coyne, J. J., Barrett, P. M., & Duffy, A. L. (2000). Threat vigilance in child witnesses of domestic violence: A pilot study utilizing the ambiguous situations paradigm. *Journal of Child and Families Studies, 9*(3), 377-388.
- Cummings, E. M. (1998). Children exposed to marital conflict and violence: Conceptual and theoretical directions. In G. W. Holden, R. A. Geffner, & E. N. Jouriles (Eds.), *Children exposed to marital violence: Theory, research and applied issues* (pp. 55-93). Washington: American Psychological Association.
- Cummings, E. M., & Davies, P. (1994). *Children and marital conflict: The impact of family dispute and resolution*. New York: The Guilford Press.
- Cummings, E. M., Davies, P., & Simpson, K. (1994). Marital conflict, gender, and children's appraisals and coping efficacy as mediators of child adjustment. *Journal of Family Psychology, 8*(2), 141-149.

- Cummings, E. M., Goeke-Morey, M. C., & Papp, L. M. (2004). Everyday marital conflict and child aggression. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 32(2), 191-202.
- Cummings, E. M., Kouros, C. D., & Papp, L. M. (2007). Marital aggression and children's responses to everyday interparental conflict. *European Psychologist*, 12(1), 17-28.
- Cummings, E. M., Wilson, J., & Shamir, H. (2003). Reactions of Chilean and US children to marital discord. *International Journal of Behavioral Development*, 27(5), 437-444.
- Cummings, J. S., Pellegrini, D. S., Notarius, C. I., & Cummings, E. M. (1989). Children's responses to angry adult behavior as a function of marital distress and history of interparental hostility. *Child Development*, 60(5), 1035-1043.
- Cunningham A., & Baker, L. (2007). *Little eyes, little ears: How violence against a mother shapes children as they grow*. London, Ont.: Centre for Children & Families in the Justice System.
- David, C., Steele, R., Forehand, R., & Armistead, L. (1996). The role of family conflict and marital conflict in adolescent functioning. *Journal of Family Violence*, 11(1), 81-91.
- David, K., & Murphy, B. (2004). Interparental conflict and late adolescent's sensibilization to conflict: the moderating effects of emotional functioning and gender. *Journal of Youth and Adolescence*, 33(3), 187-200.
- Davies, P. T., & Cummings, E. M. (1994). Marital conflict and child adjustment: An emotional security hypothesis. *Psychological Bulletin*, 116(3), 387-411.
- Davies, P., Myers, R. L., Cummings, E. M., & Heindel, S. (1999). Adult conflict history and children's subsequent responses to conflict: An experimental test. *Journal of Family Psychology*, 13(4), 610-628.
- Davies, P. T., Harold, G. T., Goeke-Morey, M. C., & Cummings, E. M. (2002). Child emotional security and interparental conflict. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 67(3), 1-115.
- Davies, P. T., & Lindsay, L. L. (2004). Interparental conflict and adolescent adjustment: Why does gender moderate early adolescent vulnerability? *Journal of Family Psychology*, 18(1), 160-170.
- Davies, P. T., Myers, R. L., & Cummings, E. M. (1996). Responses of children and adolescents to marital conflict scenarios as a function of the emotionality of conflict endings. *Merrill-Palmer Quarterly*, 42(1), 1-21.
- Davies, P. T. & Windle, M. (1997). Gender-specific pathways between maternal depressive symptoms, family discord and adolescent adjustment. *Development Psychology*, 33(4), 657-668.
- DeBoard-Lucas, R. L., & Grych, J. H. (2011). Children's perceptions on intimate partner violence: Causes, consequences, and coping. *Journal of Family Violence*, 26, 343-354.
- Edleson, J. L. (2001). Studying the co-occurrence of child maltreatment and domestic violence in families. In S. A. Graham-Bermann & J. L. Edleson (Eds.), *Domestic violence in the lives of children: The future of research, intervention, and social policy* (pp. 91-110). Washington, DC: American Psychological Association.

- Eisikovits, Z., Winstok, Z., & Enosh, G. (1998). Children's experience of interparental violence: A heuristic model. *Children and Youth Services Review, 20*(6), 547-568.
- El-Sheikh, M. & Cummings, E. M. (1995). Children's responses to angry adult behavior as a function of experimentally manipulated exposure to resolved and unresolved conflict. *Social Development, 4*(1), 75-91.
- El-Sheikh, M., Cummings, E. M., & Reiter, S. (1996). Preschoolers' responses to ongoing interadult conflict: The role of prior exposure to resolved versus unresolved arguments. *Journal of Abnormal Child Psychology, 24*(5), 665-679.
- El-Sheik, M., Harger, J., & Whitson, S. M. (2001). Exposure to interparental conflict and children's adjustment and physical health: The moderating role of vagal tone. *Child Development, 72*(6), 1617-1636.
- Evans, S. E., Davies, C. & DiLillo, D. (2008). Exposure to domestic violence: A meta-analysis of child and adolescent outcomes. *Aggression and Violent Behavior, 13*(2), 131-140.
- Folkman, S. (1984). Personal control and stress and coping processes: A theoretical analysis. *Journal of Personality and Social Psychology, 46*, 839-852.
- Folkman, S., & Lazarus, R. S., (1980). An analysis of coping in a middle-aged community sample. *Journal of Health and Social Behavior, 21*, 219-239.
- Fortin, A., Doucet, M., & Damant, D. (2011). Children's appraisals as mediators of the relationship between domestic violence and child adjustment. *Violence and Victims, 26*(3), 377-392.
- Fosco, G. M., DeBoard, R. L., & Grych, J. H. (2007). Making sense of family violence. Implications of children's appraisals of interparental aggression for their short- and long-term functioning. *European Psychologist, 12*(1), 6-16.
- Fosco, G. M., & Grych, J. H. (2008). Emotional, cognitive, and family systems mediators of children's adjustment to interparental conflict. *Journal of Family Psychology, 22*(6), 843-854.
- Gewirtz, A. H., & Edleson, J. L. (2007). Young children's exposure to intimate partner violence: Towards a developmental risk and resilience framework for research and intervention. *Journal of Family Violence, 22*, 151-163.
- Goldblatt, H. (2003). Strategies of coping among adolescents experiencing interparental violence. *Journal of Interpersonal Violence, 18*, 532-552.
- Graham-Bermann, S. A., Gruber, G., Howell, K. H., & Girz, L. (2009). Factors discriminating among profiles of resilience and psychopathology in children exposed to intimate partner violence (IPV). *Child Abuse & Neglect, 33*, 648-660.
- Grych, J. H. (1998). Children's appraisals of interparental conflict: Situational and contextual influences. *Journal of Family Psychology, 12*, 437-453.
- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (1990). Marital conflict and children's adjustment: A cognitive-contextual framework. *Psychological Bulletin, 108*(2), 267-290.
- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (1993). Children's appraisals of marital conflict: Initial investigations of the cognitive-contextual framework. *Child Development, 64*, 215-230.
- Grych, J. H., Fincham, F. D., Jouriles, E. N., & McDonald, R. (2000). Interparental conflict and child adjustment: Testing the mediational role of appraisals in the

- cognitive-contextual framework. *Child Development*, 71, 1648-1661.
- Haskett, M. E., Nears, K., Ward, C. S., & McPherson, A. V. (2006). Diversity in adjustment of maltreated children: Factors associated with resilient functioning. *Clinical Psychology Review*, 26, 797-812.
- Hester, M., Pearson, C., & Harwin, N. (2007). *Making an impact: Children and domestic violence* (2^a ed.). London: Jessica Kingsley.
- Holden, G. W. (1998). Introduction: The development of research into another consequence of family violence. In G. W. Holden, R. Geffner, & E. N. Jouriles (Eds.), *Children exposed to marital violence: Theory, research and applied issues* (pp. 1-18). Washington, DC: American Psychological Association.
- Howell, K. H. (2011). Resilience and psychopathology in children exposed to family violence. *Aggression and Violent Behavior*, 16, 562-569.
- Hughes, H. M., Graham-Berman, S. A., & Gruber, G. (2001). Resilience in children exposed to domestic violence. In S. A. Graham-Bermann & J. L. Edleson (Eds.), *Domestic violence in the lives of children: The future of research, intervention, and social policy* (pp. 67-90). Washington, DC: American Psychological Association.
- Hughes, H. M., & Luke, D. A. (1998). Heterogeneity in adjustment among children of battered women. In G. W. Holden, R. Geffner, & E. N. Jouriles (Ed.). *Children exposed to marital violence. Theory, research and applied issues* (pp. 185-222). Washington, DC: American Psychological Association.
- Hungerford, A., Wait, S. K., Fritz, A. M., & Clements, C. M. (2012). Exposure to intimate partner violence and children's psychological adjustment, cognitive functioning, and social competence: A review. *Aggression and Violent Behavior*, 17, 372-382.
- Jaffe, P. G., Wolfe, D. A., & Wilson, S. K. (1990). *Children of battered woman*. Newbury Park, CA: Sage Publications.
- Jones, D. J., Forehand, R., Dorsey, S., Foster, S., & Brody, G. (2005). Coparent support and conflict in African American single mother-headed families: Associations with maternal and child psychosocial functioning. *Journal of Family Violence*, 20(3), 141-150.
- Jouriles, E. N., Spiller, L. C., Stephens, N., McDonald, R., & Swank, P. (2000). Variability in adjustment of children of battered women: The role of child appraisals of interparent conflict. *Cognitive Therapy and Research*, 24(2), 233-249.
- Katz, L. F., & Gottman, J. M. (1993). Patterns of marital conflict predict children's internalizing and externalizing behaviors. *Developmental Psychology*, 29(6), 940-950.
- Kerig, P. K. (1998). Gender and appraisals as mediators of adjustment in children exposed to interparental violence. *Journal of Family Violence*, 13, 345-363.
- Kincheloe, A. R. (2008). *A review of the relationship between interparental conflict and children's behavior problems: Evaluating the role of children's perceptions of conflict and moderators of the effect*. Unpublished qualifying examination, Emory University, Atlanta, GA.
- Lazarus, R., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal and coping*. New York: Springer.
- Lieberman, A. F., van Horn, P., & Ozer, E. J. (2005). Preschooler witnesses of marital violence: Predictors and mediators of child behavior problems. *Development and Psychopathology*, 17, 385-396.

- Lisboa, C. Koller, S. H., Ribas, F. F., Bitencourt, K., Oliveira, L., Porciuncula, L. P., & De Marchi, R. B. (2002). Estratégias de coping de crianças vítimas e não vítimas de violência doméstica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(2), 345-362.
- Long, N., & Forehand, R. (1987). The effects of parental divorce and parental conflict on children: An overview. *Journal of Developmental and Behavioral Pediatrics*, 8(5), 292-296.
- Martinez-Torteya, C., Bogat, G. A., von Eye, A., & Levendosky, A. A. (2009). Resilience among children exposed to domestic violence: The role of risk and protective factors. *Child Development*, 80(2), 652-577.
- McDonald, R., & Grych, J. H. (2006). Young children's appraisals of interparental conflict: Measurement and links with adjustment problems. *Journal of Family Psychology*, 20(1), 88-99.
- O'Brien, M., Bahadur, M.A., Gee, C., Balto, K. & Erber, S. (1997). Child exposure to marital conflict and child coping responses as predictors of child adjustment. *Cognitive Therapy and Research*, 21(1), 39-59.
- Osofsky, J. D. (1995). Children who witness domestic violence: The invisible victims. *Society for Research in Child Development*, 9(3), 1-16.
- Papp, L. M., Cummings, E. M., & Goeke-Morey, M. C. (2002). Marital conflicts in the home when children are present versus absent. *Developmental Psychology*, 38(5), 774-783.
- Rhoades, K. A. (2008). Children's responses to interparental conflict: A meta-analysis of their associations with adjustment. *Child Development*, 79(6), 1942-1956.
- Sani, A. I. (2003). *As crenças, o discurso e a acção: As construções de crianças expostas à violência interparental*. Dissertação de Doutoramento não publicada. Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- Sani, A. I. (2006a). As variáveis mediadoras do impacto na criança da exposição à violência interparental. *Psicologia: Teoria, investigação e prática*, 11(2), 111-133.
- Sani, A. I. (2006b). Vitimação indirecta de crianças em contexto familiar. *Análise Social*, (180), 849-864.
- Sani, A. I. (2011). *Crianças vítimas de violência: Representações e impacto do fenómeno*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Shelton, K. H., & Harold, G. T. (2007). Marital conflict and children's adjustment: The mediating and moderating role of children's coping strategies. *Social Development*, 16(3), 497-512.
- Shelton, K. H., & Harold, G. T. (2008). Pathways between interparental conflict and adolescent psychological adjustment: Bridging links through children's cognitive appraisals and coping strategies. *Journal of Early Adolescence*, 28(4), 555-582.
- Shelton, K. H., Harold, G. T., Goeke-Morey, M. C., & Cummings, E. M. (2006). Children's coping with marital conflict: The role of conflict expression and gender. *Social Development*, 15(2), 232-247.
- Sturge-Apple, M. L., Davies, P. T., Cicchetti, D., & Manning, L. G. (2010). Mother's parenting practices as explanatory mechanisms in associations between interparental violence and child adjustment. *Partner Abuse*, 1(1), 45-60.

- Summers, A. (2006). *Children's exposure to domestic violence: A guide to research and resources*. Reno: National Council of Juvenile and Family Court Judges.
- Tschann, J. M., Flores, E., Marin, B. V., Pasch, L. A., Baisch, E. M., & Wibbelsman, C. J. (2002). Interparental conflict and risk behaviors among Mexican American adolescents: A cognitive-emotional model. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 30(4), 373-385.
- Vairami, M., & Vorria, P. (2007). Interparental conflict and (pre)adolescents' peer relationships. *Hellenic Journal of Psychology*, 4, 257-280.
- Van Horn, P., Lieberman, A. F. (2011). Psychological impact on and treatment of children who witness domestic violence. In C. Jenny (ed.). *Child abuse and neglect: Diagnosis, treatment, and evidence* (pp. 501-515), St. Louis, MO, Saunders/ Elsevier.